

COSMOVISÃO E PRÁXIS DOCENTE: algumas reflexões com base na relação professor/aluno no Ensino Superior

Alana Pereira da Silva Mota

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: alanamota2910@gmail.com)

Sandra da Cruz Alves

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: sandracruzalves9@gmail.com)

Fabio Pereira Santana

Orientador do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: professorfabiosantana@hotmail.com)

RESUMO

O presente estudo aborda o contexto da cosmovisão e suas implicações na relação professor/aluno no Ensino Superior. Tem como objetivo conhecer e analisar a cosmovisão a partir da práxis docente de professores do Curso de Pedagogia de uma Faculdade da cidade de Rio Verde/GO. A cosmovisão tem sido estudada sob vários aspectos e por estudiosos de diferentes áreas. Pode-se conceitua-la de forma simplificada como um conjunto de ideias que influenciam o comportamento, as tomadas de decisões e a visão de mundo das pessoas. A cosmovisão não compreende uma ideia, mas sim um conjunto de ideias que orientam como o indivíduo enxerga o mundo. Os procedimentos metodológicos envolvem uma investigação de campo de abordagem qualitativa, sendo o instrumento de coleta de dados o questionário semiestruturado. Os resultados iniciais da pesquisa indicam que, mesmo a cosmovisão sendo intrínseca ao ser humano, o termo ainda é de pouco conhecimento, mesmo na comunidade acadêmica. Os acadêmicos acreditam na neutralidade docente, mas percebem ações dos professores alicerçadas em concepções ideológicas, culturais, políticas, antropológicas, sociológicas e religiosas. Diante disso admitem que se sentem influenciados pela cosmovisão de alguns professores. Contudo, é preciso destacar que esta pesquisa não tem como objetivo esgotar o assunto. Nesse sentido, compreende-se que são necessárias outras investigações acerca dessa temática, confrontando os resultados com a literatura contemporânea e ampliando a discussão para que se possa elaborar sínteses mais conclusivas.

Palavras-chave: Cosmovisão. Docência. Práxis. Ensino Superior. Pedagogia.

WORLDVIEW AND TEACHING PRAXIS: some reflections based on the teacher/student relationship in Higher Education

ABSTRACT

The present study addresses the context of worldview and its implications in the teacher/student relationship in Higher Education. Its aim is to know and analyze

worldview from the teaching praxis of teachers of the Pedagogy Course of a College in the city of Rio Verde/GO. Worldview has been studied under various aspects and by scholars from different fields. It can be conceptualized in a simplified way as a set of ideas that influence people's behavior, decision-making and the way they see the world. Worldview does not comprise a single idea, but a set of ideas that guide how the individual sees the world. The methodological procedures involve a field investigation with a qualitative approach, the data collection instrument being the semi-structured questionnaire. Initial results of the research indicate that, even though worldview is intrinsic to human beings, the term is still scarcely known, even in the academic community. Academics believe in teaching neutrality, but perceive teachers' actions based on ideological, cultural, political, anthropological, sociological and religious concepts. Therefore, they admit that they feel influenced by teachers' worldview. However, it should be noted that this research does not aim to exhaust the subject. In this sense, it is understood that further research on this topic is necessary, comparing the results with contemporary literature and expanding the discussion so that more conclusive syntheses can be elaborated.

Keywords: Worldview. Teaching. Praxis. Higher education. Pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o contexto da cosmovisão e suas implicações na relação professor/aluno no Ensino Superior. Dessa forma, o artigo tem como objetivo conhecer e analisar a cosmovisão a partir da práxis docente de professores do Curso de Pedagogia de uma Faculdade da cidade de Rio Verde/GO.

A partir de diversas percepções das pesquisadoras ao longo do Curso de Pedagogia da instituição pesquisada, observando a relação professor/aluno, chegou-se a uma problemática definitiva, a qual pode ser representada pela seguinte questão: é possível existir neutralidade na práxis docente no Ensino Superior ou a cosmovisão do professor pode influenciar os alunos?

A partir do problema de pesquisa e do objetivo desse estudo, definiu-se que os procedimentos metodológicos estão circunscritos a uma investigação de campo de abordagem qualitativa. O instrumento de coleta de dados utilizado é o questionário semiestruturado e os resultados serão apresentados por meio de tabelas e análise descritiva.

Os principais autores utilizados nesse estudo foram: Bohoslavsky (1975), Brasil (2018), Manhas (2016), Palmer (2001), Santos (2018), Santos e Pereira (1999) e Werneck (1982).

Em linhas gerais os resultados iniciais da pesquisa indicam que, mesmo a cosmovisão sendo intrínseca ao ser humano, o termo ainda é de pouco conhecimento, mesmo na comunidade acadêmica. Outro aspecto relevante é a crença dos acadêmicos na neutralidade docente, mas ao mesmo tempo, a percepção de que muitas ações dos professores estão arraigadas em concepções ideológicas, culturais, políticas, antropológicas, sociológicas e religiosas. Por fim, os acadêmicos admitem que se sentem influenciados pela cosmovisão de alguns docentes.

Contudo, é preciso destacar que esta pesquisa não tem como objetivo esgotar o assunto. Nesse sentido, compreende-se que são necessárias outras investigações acerca dessa temática, confrontando os resultados com a literatura contemporânea e ampliando a discussão para que se possa elaborar sínteses mais conclusivas.

2 CONTEXTO DA COSMOVISÃO RELACIONADO À IDEOLOGIA, CULTURA E PRÁTICA DOCENTE

Serão abordados aqui aspectos relevantes para a construção do objeto de pesquisa. Desde os elementos que conceituam o termo cosmovisão, a relação da cosmovisão com os aspectos culturais e ideológicos, os múltiplos olhares sobre a práxis docente, até a relação entre professor/aluno e suas possibilidades formativas.

2.1 Conceituando o termo cosmovisão

A cosmovisão tem sido estudada por pesquisadores de diferentes áreas, mas ainda é pouco conhecida no âmbito acadêmico. Pode-se conceitua-la de forma simplificada como um conjunto de ideias que influenciam o comportamento, as tomadas de decisões e a visão de mundo das pessoas.

De acordo com Naugle (2017, p. 288):

Cosmovisão não é um fenômeno, teórico, mas pré-teórico: ela precede e condiciona o pensamento abstrato. Por outro lado, há uma forte tradição que equipara a cosmovisão às construções racionais de uma cultura, sejam elas filosóficas, científicas ou religiosas.

Dessa forma, o autor destaca que a cosmovisão é inconsciente e que as construções culturais dão origem a novas cosmovisões. Wolters (2006, p. 12) corrobora e amplia esta percepção ao ressaltar que a cosmovisão é “[...] a estrutura compreensiva da crença de uma pessoa sobre as coisas”. A palavra crença é usada como a ideia de acreditar em algo, podendo ser real, alegórico e/ou religioso.

Para Fontes (2017, p. 24), “religião é a relação de confiança e devoção estabelecida por um indivíduo ou grupo com um determinado objeto”. Assim, a relação de devoção e confiança não acontece apenas com indivíduos que creem em um ser transcendente, mas toda pessoa estabelece essa relação de confiança.

Diante as afirmações feitas por esses autores é possível estabelecer que todo indivíduo é dotado de crenças e essas não precisam estar relacionadas a um ser espiritual. Antes, a relação de confiança e certeza estabelecida com qualquer objeto já se caracteriza como credo. Uma pessoa cristã que acredita em um Deus e uma pessoa atea que acredita na força do universo, ambas da mesma maneira são pessoas religiosas e que carregam crenças.

Segundo Santos (2018, p. 126):

A concepção do mundo (cosmovisão) apresenta-se desse modo como um conjunto de instituições que domina não só as particularizações teóricas e um tipo humano e cultural, mas, [...] condiciona toda ciência, como também abarca as formas normativas, tornando-se ela uma norma para a ação [...].

Tem-se que a visão de mundo é agonista e simbiótica na relação com as instituições, a cultura e a ciência. O que faz dela multifacetada e ao mesmo tempo orientadora do intérprete do mundo em relação à suas condutas e comportamentos.

De acordo com Palmer (2001, p. 22), “[...] as crenças de uma cosmovisão não são estreitas em seu foco, mas tocam quase todas as outras crenças e práticas daqueles que se mantêm fieis à cosmovisão”. Destarte, para constituir uma cosmovisão, aspectos mais profundos são levados em consideração. As normas morais é que definem o que é certo ou errado, definem leis que devem ser seguidas ou estabelecem que nenhuma outra precisa ser seguida. As leis estéticas definem o que é belo. A narrativa de uma cosmovisão pode ser vista como uma justificativa, pois o indivíduo vai fazer uso de acontecimentos para aprovar suas crenças. A ideologia é sistematizada, a pessoa irá argumentar de forma concreta, pois está ligada aos credos religiosos e ideias filosóficas.

A cosmovisão não está restrita à religião. Todo indivíduo carrega uma cosmovisão única e individual. “Qualquer pessoa capaz de considerar esse assunto, tem uma cosmovisão. [...] não é verdade que todas as pessoas que tem uma cosmovisão a possuem precisamente da mesma maneira” (PALMER, 2001, p. 23).

A cosmovisão é individualizada, se estabelece no ponto de vista em relação ao mundo, o que se diferencia da cultura, que nasce de uma experiência de um povo e se manifesta na cosmovisão individual. “A cosmovisão é, assim, uma construção coletiva que expressa uma maneira de interpretar a realidade entre outras possíveis” (SANTOS; PEREIRA, 1999, p. 18).

Entende-se cosmovisão como a maneira que um indivíduo se apresenta à sociedade, que subentende o mundo. Sendo assim, nota-se que é pela crença, valores e tradições. A construção de uma cosmovisão está ligada a história das pessoas, costumes que são passados para próxima geração. E as cosmovisões vão tomando novos significados de um contexto ou grupo (SANTOS; PEREIRA, 1999).

Palmer (2001) estabelece duas categorias de análise. Na primeira estão as pessoas que não têm consciência de sua cosmovisão e/ou não a tem bem estruturada. Estão em conflito com suas crenças e não alcançam o significado maior de suas ações. São acríicas e ingênuas em detrimento à autorreflexão. Na segunda categoria estão as que escolhem sua cosmovisão reflexivamente à respeito de suas crenças. Optam pela liberdade e se mantêm ativas na tomada de decisões.

No âmbito educacional se registra a cosmovisão numa perspectiva formativa. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) destaca na Unidade Temática de Ensino Religioso que, após os anos 1980, muitas mudanças ocorridas no sistema de ensino provocaram alterações nessa área de conhecimento e os elementos culturais, religiosos, filosóficos, antropológicos e sociológicos precisaram acatar a pluralidade religiosa do país em detrimento de determinadas hegemonias existentes. A proposta culminou com o fim da catequização ou doutrinação religiosa dos alunos e, assim, a tolerância e a liberdade de expressão se alicerçaram na visão de mundo de cada sujeito.

De acordo com Brasil (2018), esse conjunto de elementos é passado de geração em geração. Algumas culturas realizam escritas sobre essa manifestação, outras não. Dentre essas tradições, existem líderes que respondem pela totalidade do grupo, sendo assim, exerce uma função pública. Esses líderes defendem seus ideais na sociedade e influencia no contexto social vigente, ou seja, esses efeitos

podem repercutir na economia, política, cultura... A sociedade influencia e é influenciada a compreender a forma como se estabelecem as relações, fato que é fundamental no processo da compreensão da cosmovisão.

2.2 Tecendo diálogos entre cosmovisão, cultura e ideologia

A cultura é a manifestação do que se foi aprendido, resultado de esforços contínuos que demonstram um contexto histórico e modificam o meio em que se vive. Todo indivíduo produz cultura à medida que cria e recria símbolos. De tal forma, atribui-se valores às coisas, para assim transformar o seu meio, atendendo as necessidades de sobrevivência.

Segundo Santos e Pereira (1999, p. 18):

Vale ressaltar, porém, que essa forma de ver o mundo não é uma criação isolada de um indivíduo, mas a soma dos múltiplos aspectos de uma cultura produzidos pela consciência coletiva num determinado contexto sócio-histórico.

Percebe-se que cultura é produzida coletivamente e repassada para as próximas gerações. A cultura traz marcas de diversidade culturais e ao mesmo tempo relatividade, aquilo que é correto dentro de um contexto cultural, no outro não é (SANTOS; PEREIRA, 1999). Dependendo da cultura, o que é certo no Oriente não é um valor cultural no Ocidente, como por exemplo: a poligamia. Contudo, a tolerância à diversidade cultural é um aspecto mantenedor de determinada cultura, ao passo que a intolerância tende a dissipar a sua homogeneidade e dizimá-la.

De acordo com Santos e Pereira (1999, p. 17):

É necessária a prática da tolerância sem a qual, torna-se impossível estabelecer o diálogo entre as culturas. A tarefa educativa propõe e favorece esta tolerância em relação ao outro, enquanto portador de valores próprios e diferentes dos nossos.

Definido o conceito de cultura inerente a este estudo, será discutido agora o contexto ideológico aqui defendido. Segundo Werneck (1982), o pressuposto ideologia entenderia como qualquer comportamento social e ideológico e seus conteúdos são inconscientes. Podendo assim, concluir que o meio educativo, por se idealizar no meio das relações sociais é um espaço ideológico. Assumindo, assim, o caráter educativo presente na educação como aceitação da ideologia de forma

positiva, como critério de valor na ação educativa. Assim sendo, não existe espaço não ideológico, todo espaço que acontece as interações sociais possuem ideologias.

Werneck (1982, p. 10) diz que ideologia se define como:

A ideologia se constituiria numa disciplina filosófica que serviria de base para todas as ciências, a ciência que teria por objeto o estudo das ideias (no sentido geral de fatos da consciência), seus caracteres, suas leis, suas relações com os signos que as representam, sua origem.

Para situar os aspectos ideológicos na perspectiva da cosmovisão é preciso refletir sobre a própria existência na sociedade. O pensamento humano, ou seja, sua ideologia está relacionado à sua posição econômica, social e cultural, considerando postura ideológica o seu próprio posicionamento relacionado às forças sociais.

Existem algumas áreas que se configuram como exemplos de concepções ideológicas, como: filosofia, arte, religião, direito e a política. Essas áreas de conhecimento cosmovisões e interesses próprios. “A filosofia teria função dupla de reflexo e expressão social das condições reais da sociedade, ou seja, aparece tanto como ideologia quanto como crítica das ideologias e das condições reais que as suscitam” (WERNECK, 1982, p. 18). A filosofia entra por uma via de mão dupla: como ideologia e como objeto de estudo das diversas formas ideológicas de se ver o mundo. Vê-se assim a relação interligada entre cosmovisão, cultura e ideologia.

Para Werneck (1982), um conceito ideológico seria visto como um sistema de pensamentos, ideias de um grupo, que resulta em uma cosmovisão individual, que essas ideias se manifestam na forma como o homem se relaciona na sociedade e a forma como ele realiza suas atividades, a forma que atua. Ou seja, o aspecto cultural interfere nesse processo, sendo essa ideologia capaz de ser compreendida somente no tempo em que está sendo vivenciada. Interferindo assim as classes, organizações e sistemas pelos quais as ideologias são afetadas.

De acordo com Manhas (2016), não existe neutralidade nos espaços educacionais e quem defende a não ideologização nas escolas, está tentando velar sua própria ideologia, baseada nos seus ideais e pontos de vista. Reafirma assim, que esse tipo de ideologia consiste em uma inverdade, para que o dominante possa estar sobre influência do dominado, e seu ponto de vista seja uma realidade vista por toda a sociedade. Sendo assim, a escola não é um espaço livre de ideologias.

2.3 Múltiplos olhares sobre a práxis docente

As últimas décadas sinalizam mudanças substanciais na educação, principalmente, na prática educativa. A transição do ensino tradicional para o da escola nova modificou a forma com que olhamos para a escola atualmente.

A teoria e a prática educativa são indissociáveis, ambas se relacionam em torno do ato educativo, o que configura a práxis docente. Assim, enquanto elas se interligam, sofrem influência das ideologias e são influenciadas por elas.

Para Werneck (1982, p. 61):

A ciência da educação teria que consistir nesse conjunto sistemático de conhecimentos sobre os melhores e mais eficientes modos de levar o ser humano a atingir os objetivos almejados pelas diferentes concepções de homem, para que possa realizar-se o mais plenamente possível sob esses pontos de vista.

O docente mediador do conhecimento deverá conduzir o discente à maneira que ele atinja os objetivos para a sua formação, sendo este, construtor do seu próprio conhecimento, capaz de analisar a diversidade sob vários pontos de vista. “Haverá sempre uma cosmovisão e uma ideologia que não de interferir em todo o esforço de investigação científica e de ação educativa (WERNECK, 1982, p. 67)”.

Para Bohoslavsky (1975), as relações foram pré-estabelecidas no seio da família, sendo este o primeiro contato socializante. É nele que se reconhece o primeiro vínculo emocional que logo após é direcionado à escola, o segundo agente socializante para a criança.

Segundo Bohoslavsky (1975, p. 321):

O vínculo de dependência está sempre presente no ato de ensinar e se manifesta em pressupostos do seguinte tipo: 1) que o professor sabe mais que o aluno; 2) que o professor deve proteger o aluno no sentido de que este não cometa erros; 3) que o professor deve e pode julgar o aluno; 4) que o professor pode determinar a legitimidade dos interesses do aluno; 5) que o professor pode e/ou deve definir a comunicação possível com o aluno.

Diante do exposto, podem-se compreender os níveis de relacionamento entre professor e aluno no ato pedagógico de ensinar. Sendo o docente o mediador do conhecimento, deve orientar o aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, os valores, preceitos, concepções, ideologias e objetivos são característicos das práticas educativas e podem ser mediados na práxis docente.

Segundo Bohoslavsky (1975), cabe ao educador desmitificar a imagem do homem criado por ideologias, para a reestruturação de um novo homem. Em suma, tudo muda dependendo do posicionamento. O melhor caminho a ser exercido é a tolerância e o respeito à diversidade cultural, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Entretanto, Manhas (2016, p. 6) contrapõe este pensamento ao destacar que “[...] a natureza autoritária de um movimento esconde sua própria ideologia na tentativa de silenciar visões de mundo divergentes”.

De acordo com o que foi apresentado neste ponto da pesquisa, pode-se depreender que a cosmovisão está intrinsecamente associada à cultura e ideologia de um povo ou, ainda, que ela é o produto resultante da relação cultura/ideologia.

2.4 A relação entre professor/aluno e suas possibilidades formativas

Como já foi dito no tópico anterior, vive-se um período de transição entre o modelo tradicional de ensino e a escola nova. Nessa perspectiva, o professor deixou de ser o centro das atenções e o aluno ocupou este espaço. Teorias, conceitos e metodologias se modificaram para atender aos pressupostos contemporâneos. Contudo, o papel de mediação do professor não permite que o mesmo seja passivo no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, busca-se discutir aqui se é possível que o professor influencie seus alunos a partir de sua cosmovisão e práxis docente.

O espaço de aprendizagem é um reflexo de ações pedagógicas que interferem no processo de ensino e aprendizagem, as quais influenciam o contexto social do sujeito. “Tanto a ideologia quanto a educação se caracterizam por serem operatórias e não apenas teóricas. Ambas visam a ação para objetivos específicos” (WERNECK, 1982, p. 83). Diante disso, os aspectos relevantes da personalidade do professor ficam explícitos e espelham-se na sua prática. Assim sendo, a prática educativa do professor está interligada à sua cosmovisão, anulando qualquer neutralidade possível.

Compreende-se que, quando o docente aplica teorias educativas que possuem teor ideológico acaba reforçando sua cosmovisão, porque ele acredita no que está ensinando. Dessa forma, o resultado educacional, está nas mãos do docente e na sua postura ao ministrar a aula e trabalhar os conteúdos. Tendo

consciência ou não de sua ação e atuação promoverão interações de diversas formas, refletindo seu modo de pensar e produzindo novos modelos mentais. De uma forma ou de outra o docente demonstra seus valores por meio de suas ações. “Analisando a pessoa do educador vai-se perceber que sua proposta, sua mensagem se faz em dois níveis: no da transmissão de conhecimentos e técnicas, e no da visão do mundo e da ideologia” (WERNECK, 1982, p. 85).

Conforme Werneck (1982, p. 88),

[...] o educador não é um agente neutro transmissor de conhecimentos, não é um instrutor, nem um treinador que visasse o desenvolvimento de técnicas no educando. Ele não deixa de ser humano por ser educador e sua ação educativa talvez se faça mais pelas formas imaginárias que transmite do que pelos conteúdos racionais.

O docente não pode ficar preso somente ao relacionamento formal de conhecimentos do seu aluno e sim, rever, analisar, criar possibilidades de aprendizagem, descobrir, propor soluções e apontar caminhos. O mesmo não é um robô à mercê do Estado para realizar as orientações conforme as solicitações do mesmo. Desse modo, o docente necessita ter atenção às mudanças que estão presentes no contexto social.

O ato educativo é assim político. O papel do pedagogo é um papel político. Não é possível neutralidade em educação. Sempre que o pedagogo deixou de fazer política escondido atrás de uma pseudoneutralidade da educação estava fazendo, com sua omissão, a política do mais forte, a política da dominação (WERNECK, 1982, p. 89).

O professor não é um transmissor de conhecimentos, mas sim, um formador de opiniões, pois sempre que o educador não se posiciona, acaba reafirmando uma ideologia contrária, omissa e sem objetivos educacionais. Tal postura afirma um posicionamento falso de neutralidade.

Considera-se que a prática educativa está intimamente ligada à sociedade. Uma depende da outra e é por meio dela que são formados novos sujeitos para integrarem essa sociedade. O processo educativo é sempre influenciado por seu sistema social, pois sofre influências políticas, econômicas e culturais.

A educação baseada em relações sociais deve favorecer a ideia de construção de conhecimento, lugar que o professor e aluno se unem para formação de um novo conceito e para que isso aconteça ambas as partes precisam se tolerar

e respeitar. Esse momento de interação entre professor e aluno é fundamental para a formação de um cidadão crítico e reflexivo.

Por conseguinte, o papel do educador se é preparar sujeitos ativos para a sociedade, tendo esse profissional que transmitir valores morais a um indivíduo, ensinando hábitos que o discente carregará sempre consigo. Destarte, a ideia de um professor neutro entra em choque com esse princípio, pois propõe a um profissional que não influencie os seus discentes, mas que apenas transmita os conhecimentos acumulados historicamente.

Conseqüentemente, entendendo que todo ser é integral e dotado de uma cosmovisão, a qual influenciará seus conceitos, abrangendo a prática do professor, que não consegue exercer seu papel de forma neutra, assim, causando influência no seu educando. Entretanto, essa condição não fornece prerrogativas para que o docente extrapole os princípios éticos da profissão, posto que a educação tem como finalidade a formação de sujeitos críticos, reflexivos e autônomos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, explorando o campo acadêmico dos discentes do Curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (FAR). O instrumento de coleta de dados foi um questionário semiestruturado, sendo este respondido pelos sujeitos da pesquisa. Segundo Ludke e Andre (2012), na pesquisa qualitativa o pesquisador mantém contato direto com o lugar onde acontecem os fenômenos de pesquisa, e que eles estão influenciados pelo contexto da sala de aula.

Conforme Triviños (2012), a pesquisa qualitativa é caracterizada por qualificações, por intermédio de medições, exemplificando o objeto de pesquisa. Sendo assim, esta é uma experiência que pode ter uma noção mais clara do que se pode alcançar, ou um objetivo a atingir segundo o método qualitativo. Conforme a coleta de dados, o pesquisador pode alterar o modo como analisa seus dados e também como levanta novos objetivos, acerca de áreas a serem estudadas segundo o levantamento dos dados.

Nesse sentido, optamos por coletar os dados por meio do questionário semiestruturado. No entanto, em virtude da Pandemia Mundial do Covid-19 e da

suspensão das aulas ocasionada pela quarentena, se fez necessário encontrar outro caminho para submeter o questionário para os acadêmicos. Assim sendo, optou-se pela ferramenta *Google Forms*. O link dos questionários foi enviado para os acadêmicos do Curso de Pedagogia da Faculdade pesquisada via *WhatsApp*. Os acadêmicos acessaram a plataforma para responder aos questionários. Os dados obtidos foram organizados em tabelas e discutidos à luz da teoria vigente. Para Triviños (2012), pode-se utilizar o questionário como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa, uma vez que esse instrumento é considerado neutro. Logo, iluminado à teoria propõe a compreensão do objeto de estudo.

Os procedimentos metodológicos da investigação visaram a construção de uma linha de pensamento capaz de responder ao problema de pesquisa e à contemplação do objetivo proposto. Para além dos esclarecimentos sobre esses procedimentos, partir-se-á agora para a análise e discussão dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada junto aos acadêmicos do Curso de Pedagogia de uma instituição de Ensino Superior desta cidade. Foram partícipes do estudo alunos dos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 7º e 8º períodos. Nesse sentido, será realizada aqui a apresentação dos dados coletados por meio dos questionários, os quais subsidiarão a análise e discussão à luz da teoria vigente.

Inicialmente, cabe destacar o perfil dos sujeitos da pesquisa. Como característica histórica do Curso de Pedagogia, a prevalência de estudantes do sexo feminino é marcante, compreendendo 91,4% do grupo. Enquanto, apenas 8,6% se declarou ser sexo masculino. No que tange à faixa etária, participaram estudantes de 18 até 43 anos de idade.

Em relação às questões específicas, inicialmente buscou-se identificar o nível de conhecimento dos estudantes sobre o termo cosmovisão. Diante disso, a tabela 01 apresenta a síntese das respostas.

Tabela 1 - Nível de compreensão do termo Cosmovisão.

Variáveis	Marcações	%
Inexistente	7	20%
Parcial	24	68,6%
Ampla	4	11,4%

Fonte: Dados elaborados pelas autoras, 2020.

De acordo com a Tabela 01, pode-se depreender que a maioria dos estudantes apresenta um conhecimento apenas parcial em relação ao termo cosmovisão. A menor parte do grupo atestou conhecer de forma ampla o termo e a parte mediana destacou não conhecê-lo. Ainda na introdução deste estudo já foi sinalizado que o termo Cosmovisão não é amplamente conhecido, mesmo em se tratando de um espaço acadêmico. E, muitas vezes é abordado por meio da perspectiva de visão de mundo. Contudo, Palmer (2001) diz que, ainda que o indivíduo não conheça sua cosmovisão, ele a possui e, assim, interpreta o mundo.

No entanto, analisar a cosmovisão por meio da relação professor/aluno é um dos fatores que sustenta a realização desta pesquisa. Diante disso, foi solicitado aos acadêmicos que analisassem a cosmovisão a partir da Práxis Docente. A tabela 2 mostra os resultados obtidos.

Tabela 2 – Cosmovisão e Práxis docente dos professores do Curso de Pedagogia.

Variáveis	Marcações	%
São capazes de ensinar sem que sua cosmovisão influencie sua prática	26	74,29%
Não são capazes de ensinar sem que sua cosmovisão influencie sua prática	09	25,71%

Fonte: Dados elaborados pelas autoras, 2020.

De acordo com os dados da Tabela 2, percebe-se que os sujeitos da pesquisa desassocia a ação docente da cosmovisão. Em linhas gerais atribuem que os professores são capazes de ensinar sem que sua cosmovisão influencie sua prática. Apenas 25,71% dos estudantes destacou que isso não ocorre.

De forma complementar e contrariando 74,29% dos sujeitos da pesquisa, o acadêmico AC-32 (2020), afirmou que “nos posicionamentos feitos pelos professores em sala de aula dá para perceber a cosmovisão que eles possuem”. Corroborando este pensamento, AC-03 (2020), disse que “sim, alguns de nossos professores tem sua própria percepção de certos assuntos”.

Portanto, as marcações indicam uma neutralidade docente nas aulas, mas as respostas discursivas indicam o oposto. Nesse sentido, considera-se que esta pesquisa por si só não será capaz de elaborar uma síntese definitiva sobre a problemática, mas será uma indicadora dos rumos que deverão ser tomados em outras pesquisas que abarquem o mesmo objeto de estudos.

O Curso de Pedagogia tem como objeto de estudos a prática pedagógica, ou seja, o ato de ensinar presente no processo e ensino e aprendizagem. Diante disso,

foi indagado aos sujeitos da pesquisa sobre a ação docente diante das teorias pedagógicas ensinadas no curso.

Diante disso 97,14% dos sujeitos da pesquisa afirmaram que os professores ensinam com base nos pensadores da área e suas respectivas teorias. Apenas 2,86% afirmaram que os professores ensinam com base em concepções pessoais. Nessa perspectiva, atribuem-se dois aspectos. Em primeiro lugar professores mantêm sua Práxis Docente associada aos pressupostos epistemológicos de suas áreas de conhecimento. Em segundo, isso não implica que abram mão de sua cosmovisão, pois cada área de conhecimento possui ramificações teóricas, dentre as quais os professores acabam se aproximando por afinidade e visão de mundo. Sendo assim, esta questão não é determinante do ponto de vista da cosmovisão e do objeto de estudos da Pedagogia.

Conforme foi abordado neste estudo, a cosmovisão pode ser considerada produto da cultura e da ideologia. Assim, optou-se por indagar os acadêmicos sobre o trato dos professores com a diversidade encontrada no ambiente da sala de aula. A Tabela 3 mostra os resultados deste levantamento.

Tabela 3 – Relação professor/aluno no âmbito da Diversidade Cultural na sala de aula.

Variáveis	Marcações	%
Respeitam a diversidade cultural presente na sala de aula e trata todos acadêmicos da mesma forma.	32	91,43%
Não respeitam a diversidade cultural na sala de aula e tratam alguns alunos com diferença.	03	8,57%

Fonte: Dados elaborados pelas autoras, 2020.

Os indicadores desse questionamento levam à percepção de que a manifestação da cosmovisão dos professores não desconsidera a diversidade cultural que se manifesta entre os estudantes. A Tabela 3 mostra que com nitidez essa percepção, atribuindo que 91,43% dos acadêmicos asseveram que os professores exercem a tolerância diante da diversidade cultural presente na sala. Compreende-se que, mesmo que haja diferentes cosmovisões, cada uma delas prevalece dentro do ciclo a qual pertence. Santos e Pereira (1999) destacam que o ambiente educacional deve ser repleto de respeito e tolerância.

Em relação aos 8,57% dos acadêmicos que afirmam que os professores não respeitam a diversidade cultural presente na sala, incluindo diferença no tratamento, estão no espectro da análise de Werneck (1982), quando classifica a postura de

alguns professores como anti-ideológica, forçando a sua realidade e/ou verdade como única, acaba por tolher a liberdade de expressão dos estudantes.

Perguntou-se também aos sujeitos da pesquisa se em algum momento já perceberam professores ministrando aulas a partir da sua cosmovisão. Nesse sentido, AC 12 (2020), destacou que “teve momentos que eu mesma debati com alguns professores a respeito de pontos de vista, e isso trouxe bloqueio em relações a esses professores comigo”, ou seja, que o professor, após ser questionado, mudou sua postura com o aluno, tratando-o com diferença.

A fala de três outros acadêmicos também chama a atenção. AC-15 (2020) assevera que isso também lhe ocorreu, “principalmente sob a religiosidade”. AC-20 (2020) afirma que também vivenciou tal situação, muito embora tenha disso numa perspectiva política. Por fim, AC-21 (2020) ponderou que “conforme suas concepções pedagógicas, sim. Porque cada um tem uma maneira diferente de ministrar a aula, dá para perceber que eles desenvolveram isso conforme o tempo”.

Portanto, compreende-se assim que os professores atuam conforme aquilo que acreditam e pensam, defendendo sua cosmovisão. Este fato rememora Werneck (1982), quando enfatiza que na ação educativa há uma transmissão de conhecimentos, mas também da sua visão de mundo.

Diante disso, fica explícito que a neutralidade não existe em ambientes educativos, uma vez que na prática pedagógica dos professores, os acadêmicos percebem suas cosmovisões. Werneck (1982), mais uma vez faz refletir sobre a necessidade de se enxergar o professor como um formador de opiniões e não como um mero transmissor de conhecimentos. Sempre que o professor não se posiciona, acaba reafirmando uma ideologia contrária, omissa e sem objetivos educacionais, tal postura afirma um posicionamento falso de neutralidade.

Os sujeitos da pesquisa também foram questionados sobre a existência da neutralidade na ação docente, ou seja, se é possível que o docente seja neutro nas suas atitudes pedagógicas. Segundo AC-19 (2020), ele pode ser neutro, de forma que ele possa falar a opinião dos outros pensadores que estudou ou também escutar a opinião dos seus alunos e também dizer que não deseja expor sua opinião. AC-24 (2020) assevera que “sim. Tem que ser, pois são professores”.

Numa perspectiva crítica, AC-24 (2020) questiona sobre “que geração é essa em que estamos formando? Futuros professores ou cópias do Estado”. Percebe-se nessa fala um posicionamento crítico sobre as relações de luta de classes existentes

na esfera educacional, qual seja o embate entre professores e o Estado, sejam elas por condições de trabalho ou por direitos conquistados à base de lutas.

Na mesma linha de pensamento, AC-21 (2020) considera que “não, porque ele [professor] precisa se posicionar, assim fazendo com que os alunos pensem e alinhem suas opiniões”. AC-26 (2020) aponta que esta neutralidade não é possível, pois “ele [professor] sempre deve mostrar ao aluno a visão geral, ter a capacidade de empatia e respeito ao próximo e a suas dificuldades”.

Por fim, questionou-se aos acadêmicos se, em algum momento, eles já se sentiram influenciados por algum professor. Em geral a resposta foi que sim, já se sentiram influenciados pelos professores em algumas situações. De acordo como AC-2 (2020), “os professores de modo geral nos influenciam a ver coisas que antes não víamos, como a política dentro da escola, como nossa atividade docente influencia na vida dos alunos”.

O aluno vê o professor como um exemplo a espelhar-se, e para que essa conexão seja forte é necessário que haja empatia. Para AC-3 (2020), as influências sempre foram positivas “por meio de concepções apresentadas e até mesmo de suas vivências”. O discurso foi salientado, pois as vivências do professor são de cunho pessoal e dessa forma não são passíveis de análises neutras. Werneck (1982) enfatiza que na ação educativa há uma transmissão de conhecimentos, mas também da sua visão de mundo. Somente em um contexto artificial deixa de transmitir o que julga correto.

Diante dos expostos acima, concluímos a análise e discussão dos resultados obtidos na pesquisa, depreendendo que foram observados vários aspectos da relação professor/aluno sob a luz da cosmovisão, os quais serão apresentados com mais ênfase a seguir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto do trabalho serão apresentadas as considerações finais, ou seja, a síntese a que se chegou neste estudo, após a análise e discussão dos dados obtidos por meio da aplicação dos questionários.

No que tange ao problema de pesquisa proposto, considera-se que o mesmo foi amplamente respondido, pois foram estabelecidas várias reflexões a partir da

relação professor/aluno, as quais indicam que a cosmovisão do professor está presente na sua práxis docente e esta, por sua vez, influencia parte dos alunos.

A respeito do objetivo estabelecido foi possível conhecer e analisar a cosmovisão a partir da práxis docente de professores do Curso de Pedagogia de uma Faculdade da cidade de Rio Verde/GO. Todavia, esta afirmação pressupõe dois cenários distintos.

No primeiro cenário, encontrado nas respostas objetivas, pôde-se identificar que a cosmovisão dos professores não exerce influência sobre os acadêmicos, pois os mesmos indicaram a capacidade dos docentes de trabalhar de forma isenta e imparcial, sem que sua cosmovisão fosse determinante na ação docente. Também, evidenciou-se a capacidade dos professores de atuar respeitando a diversidade cultural presente na sala de aula. No entanto, não houve unanimidade no posicionamento dos estudantes.

No segundo cenário, ao analisar as questões discursivas, foi possível identificar algumas contradições, sendo algumas delas de ordem individual, com acadêmicos citando fatos ocorridos a partir de suas relações com os professores. Isto pode indicar o choque entre cosmovisões distintas e a intolerância de alguma das partes e/ou desconhecimento real sobre o termo cosmovisão. É preciso destacar que a falta de conhecimento de grande parte dos estudantes sobre o tema pode ter dificultado uma melhor interpretação na emissão das respostas.

No entanto, apesar de cada indivíduo possuir uma cosmovisão diferente do outro e expressá-la em seu dia a dia, de forma racional ou não, a ética deve sempre estar junto com cada profissional, mostrando os limites que não devem ser ultrapassados e nunca obrigando os desprezando qualquer outra visão que se diferencie da sua.

Em suma, estas considerações indicam a necessidade de que este tema seja amplamente difundido e investigado em novos estudos. Esta pesquisa não pretendia esgotar o assunto, quiçá colaborar com o adensamento da produção acadêmica sobre este tema. É preciso novos estudos acerca dessa temática para que as discussões se apresentem mais conclusivas.

REFERÊNCIAS

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. A psicopatologia do vínculo professor-aluno: o professor como agente socializante. In: PATTO, Maria Helena Souza. (Org). **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Queroz, 1975. p. 320-341.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

FONTES, Filipe Costa. **Você Educa de acordo com o que adora**: educação tem tudo a ver com religião. São José dos Campos: Fiel, 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2012.

MANHAS, Cleomar. Nada mais ideológico que “Escola sem partido”. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **A ideologia do movimento Escola Sem Partido**: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 15-22.

NAUGLE, David K. **Cosmovisão**: a história de um conceito. Trad. Marcelo Herberts. Brasília: Monergismo, 2017.

PALMER, Michael. **Panorama do pensamento Cristão**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

SANTOS, José Messias dos; PEREIRA, Adilson. **Cosmovisão, epistemologia e educação**: uma compreensão holística da realidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

SANTOS, Mario Ferreira dos. **Filosofia e Cosmovisão**. São Paulo: É realizações, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivalto Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

WERNECK, Vera Rudge. **A ideologia na educação**: um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo. Petrópolis: Vozes, 1982.